



ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Em São Paulo, debate raso e de baixo nível

No lugar de apresentarem planos e discutirem problemas sobre a administração, os cinco principais candidatos à Prefeitura da maior cidade do país gastaram o tempo do eleitor trocando ofensas, acusações e debochando uns dos outros

» EVANDRO ÉBOLI

Os principais candidatos a prefeito de São Paulo protagonizaram novo debate, ontem, marcado por ataques pessoais, xingamentos, acusações e palavras chulas disparadas uns contra os outros. O encontro foi repleto também por microfones cortados, dada a agressividade verbal, e dezenas de pedidos de resposta — quando há o entendimento de que algum postulante extrapolou na manifestação. O evento foi organizado pela TV Gazeta e pelo canal MyNews.

Logo no início, quando dirigiam perguntas uns aos outros, a baixaria apareceu. Pablo Marçal (PRTB) iniciou essa linha de conduta, apelidando ofensivamente os concorrentes. Por duas horas e meia, foram ouvidas expressões como “bananinha”, “Chatabata”, “Pablito”, “tchutchuca do PCC”, “Boules”, “bandidinho”, “estelionatário”, “vagabundo”, “picareta” e “ladrão”. Marçal chegou a pronunciar palavrões e foi advertido. Após crescer nas pesquisas nas últimas semanas, foi alvo inicialmente de Guilherme Boulos (PSol), Ricardo Nunes (MDB). Depois, José Luiz Datena (PSDB) também partiu para cima do influenciador. Tabata Amaral (PSB) foi menos visada dos ataques, mas também respondeu Marçal duramente.

Marçal voltou a insinuar que Boulos faz uso de droga — o que não foi comprovado. Ao contrário, constatou-se que o “coach” recorreu a um homônimo do psolista — preso com cocaína — para atacar o deputado federal. Além de provocá-lo chamando-o de “Boules”, ironizou o episódio de que a letra do Hino Nacional foi cantada com linguagem neutra.

“Pergunto ao Boules se já não experimentou alucinógeno, maconha. Ele estragou o Hino Nacional com a linguagem neutra, perdeu o senso patriótico”, provocou o influenciador, rebatido de imediato.

“Você é um bandido, condenado. Não vou falar com você. É o candidato da mentira, da bravata e está envolvido com o crime organizado até o pescoço”, disse, acrescentando que “a farsa do uso de drogas já foi demonstrada”.

A estratégia de Nunes foi de tentar encurralar Marçal, a quem

Reprodução You Tube/TV Gazeta



Evento organizado pela TV Gazeta e pelo canal MyNews mostrou cinco postulantes em pé de guerra. Espaço para exposição de propostas foi ínfimo

Fotos: Reprodução de vídeo



Você, Pablito, é que comeu bananinha na cadeia. Tchutchuca do PCC. Seu 'M' é da mentira"

"Vou perguntar ao Pablito, condenado por integrar uma quadrilha que entrava nas contas das pessoas"

Ricardo Nunes,
candidato do MDB



Pergunto ao Boules (sic) se experimentou alucinógeno. Estragou o Hino com linguagem neutra"

"Bananinha (para Nunes), você está desesperado porque está perdendo. Como é ter o Bolsonaro como amante?"

Pablo Marçal,
candidato do PRTB



Pablo, as pessoas podem até olhar para você e achar graça. Não sabem que, além de palhaço, você é um criminoso"

"O Pablo está todo machão. Como é contra uma mulher, deve ter algo no subconsciente"

Tabata Amaral,
candidata do PSB



Você é um condenado (para Marçal). Não vou falar com você. Está envolvido com o crime organizado"

"Ele zomba da carteira porque tem uma condenação trabalhista por humilhar funcionários"

Guilherme Boulos,
candidato do PSol



Você é uma ameaça à democracia, seu bandidinho e estelionatário eleitoral"

"Você fugiu da polícia, você foi bandido. O crime prescreveu, mas você anda de braços dados com o PCC"

José Luiz Datena,
candidato do PSDB

“Bananinha, você está desesperado porque está perdendo. Como é ter o Bolsonaro como amante? Você é um covarde. Se eu ganhar, você vai para a cadeia”, respondeu o “coach”, referindo-se também ao ex-presidente, que tem sido apontado como hesitante no apoio a Nunes. Nunes chamou Marçal de “tchutchuca do PCC”, referência à acusação de que ele e seu grupo político têm proximidade com a facção criminosa.

Tabata inaugurou a tentativa de se discutir programas de governo e questionou Nunes sobre os índices de educação da capital. A candidata afirmou que na gestão de Bruno Covas, ex-prefeito do PSDB e que faleceu, a cidade aparecia em segundo no ranking educacional e que, agora, está em 19º. O prefeito negou e argumentou que o desempenho do município supera a média de todas capitais do país.

Marçal, por sua vez, apenas buscou ataques pessoais. Disse que era vítima de um “consórcio de candidatos comunistas” e que teria mais votos “que todos esses canalhas juntos”.

O momento de maior tensão foi quando Datena deixou o púlpito na direção a Marçal. Seguranças ficaram a postos para apartar uma possível briga.

Marçal foi grosseiro com Tabata após um comentário da candidata sobre ele. “A ‘Chatabata’ Amaral está inventando. Quero te fazer uma pergunta, ô garoto. Qual a sensação de me bater e eu cair pra frente. Isso aqui é uma encheção de saco, é um teatro”.

Apenas no bloco das perguntas de internautas sobre problemas da cidade se ouviu e se conheceu algumas ideias dos candidatos. Datena, sobre saúde, defendeu que as unidades básicas fiquem abertas mais duas horas diariamente. Boulos anunciou a criação do “Poupa tempo da saúde”, um programa que, garante, assegurará o acesso da população a exames complexos como ressonância magnética.

Nunes afirmou que zerou a fila de creches na cidade, garantindo vagas para todas as crianças e cinco refeições. Tabata prometeu criar o “passaporte da cidadania” — um sistema de pontos que reverterá em benefícios aos oradores. E Marçal afirmou que pretende gerar empregos na periferia paulistana, reduzindo a necessidade de deslocamento dos moradores dessas localidades para outros bairros.

se referiu o tempo inteiro como “Pablito” — referência ao megatraficante colombiano Pablo Escobar, que era conhecido pelo

diminutivo do nome.

“Vou perguntar ao Pablito, condenado por integrar uma quadrilha, que entrava nas

contas das pessoas e subtraía recursos”, disse, numa referência à condenação do seu adversário. O troco de Marçal foi

referir-se a Nunes como “bananinha”, dando sentido pejorativo de ser um candidato fraco e que evita confronto.

Quando quiseram falar de propostas era tarde

» LUIZ CARLOS AZEDO

São Paulo é uma cidade alfa, a mais populosa fora da Ásia e o maior centro comercial, financeiro e cultural da América do Sul. Representa 10% do PIB brasileiro e 30% do PIB paulista. Abriga 63% das multinacionais estabelecidas no Brasil e responde por um terço da produção científica do país.

Com 11,45 milhões de habitantes, é a cidade mais rica e mais desigual do país, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) alto (0,805) — os distritos mais centrais, em geral,

apresentam IDH superior a 0,9, que desaba nas periferias até cerca de 0,7. Entre os rios Pinheiros, Tietê e Tamanduateí se concentram os investimentos públicos e o planejamento urbano, que beneficiam o topo da pirâmide social, cuja base ocupa as áreas de infraestrutura precária.

Essa contradição salta aos olhos na distribuição de renda, mas também na educação, na saúde, nos transportes, no saneamento básico, na habitação e na segurança pública. O que não faltam são temas relevantes para os candidatos a prefeito oferecerem

suas propostas. Mas não foi o que prevaleceu no debate de ontem, com a participação dos principais concorrentes à Prefeitura da capital paulista. Nunes, Boulos, Marçal, Datena e Tabata optaram pelos duros ataques pessoais.

O prefeito de São Paulo, candidato à reeleição, logo no começo do debate chamou Marçal de “tchutchuca do PCC”, após o adversário afirmar que o colocaria na cadeia se eleito. Nunes saiu do sério porque foi acusado de receber repastes de verbas municipais desviadas de unidades de ensino

infantil de São Paulo, quando ainda era vereador.

Tabata também acusa Marçal de ter ligação com o PCC e afirma que a organização criminosa estaria por trás da fortuna do influenciador — preso em 2005 durante a Operação Pegasus, contra a maior quadrilha especializada em invadir contas bancárias pela internet. Em 2010, Marçal foi condenado a quatro anos e cinco meses de prisão em regime semiaberto pela Justiça Federal em Goiás, mas recorreu da sentença por oito anos, até que o caso prescrevesse em 2018.

No debate, Marçal tirou por menos essas acusações e disse ser alvo de um “consórcio de comunistas”. Insinuou que Datena vendeu suas quatro desistências em eleições anteriores. Desafiado, o apresentador chamou o adversário de “bandido” e acusou-o de andar de “braços dados com o PCC”. Marçal usava a tela dividida para provocar os oponentes e fazer gestos com as mãos, sobretudo a letra M, com três dedos para baixo.

Parecia que o debate tomaria o leito dos problemas reais da cidade, quando Boulos criticou a privatização da Sabesp, sendo

contestado por Nunes. Mas a temperatura estava alta e a baixaria continuou. Houve uma aliança tácita contra Marçal e Nunes, que também se digladiavam, entre Boulos, Datena e Tabata. Todas as vezes que a discussão sobre políticas públicas parecia evoluir, como quando provocada por perguntas de jornalistas, os candidatos descambavam para os ataques pessoais, alimentados também por repetidos direitos de resposta. Somente no fim, ao se despedirem, os cinco esboçaram um conjunto de propostas para a cidade. Mas aí já era tarde.